

O BORDADO MANUAL NA ARTE-EDUCAÇÃO PARA PESSOAS SURDAS

Manual embroidery in art-education for the deaf

Pereira, Elaine Jansen; Especialista em Arte-educação; Universidade Federal da Bahia,

ejp.jansen82@hotmail.com¹

Resumo: O presente artigo pretende narrar algumas experiências desenvolvidas com estudantes surdos da cidade de Canavieiras/BA. Neste sentido, será apresentada uma reflexão sobre as potencialidades do bordado, na perspectiva da arte educação, a partir da relação entre a educação das relações étnico raciais e da educação inclusiva para estudantes surdos e assim, apontar para novas práticas pedagógicas a partir do ensino do bordado manual.

Palavras-chave: Arte-educação, Bordado manual, Educação inclusiva, Prática de ensino.

Abstract: This article intends to narrate some experiences developed with deaf students in the city of Canavieiras/BA. In this sense, a reflection will be presented on the potentialities of embroidery, from the perspective of art education, from the relationship between the education of ethnic-racial relations and inclusive education for deaf students and, thus, pointing to new pedagogical practices from the teaching of the hand embroidery.

Keywords: Art-education, Hand embroidery, inclusive education, Teaching practice.

Introdução

O ato de bordar é uma técnica milenar que atravessa todas as civilizações. A partir da criação de um desenho, as linhas e agulhas preenchem desenhos em tecidos dando volume e gerando um produto que poderá servir tanto para decorar um ambiente quanto um vestuário.

No Brasil, esta prática está presente nas mais diversas culturas e se mantém ativa em diferentes regiões do país. Vale destacar que esta técnica manual possui uma trajetória muito conectada com a educação uma vez que, entre os séculos XIX e XX, o bordado foi introduzido nos espaços escolares, principalmente para ensinar meninas.

Com o tempo, o ensino de bordado saiu dos espaços de educação formal e se fixou em

¹ Figurinista Profissional (Senai-CETIQT/RJ), Especialista em Arte-Educação (UFBA), Pós-graduanda em Tradução e Interpretação e Docência em Língua Brasileira de Sinais (UNINTESE), Licenciando em Artes Visuais (Universidade Cruzeiro do Sul), Servidora Pública (Ministério Público do Estado da Bahia/MPBA). Membro do Comitê de Enfrentamento ao Racismo Institucional do MPBA/COMPER.



outros locais: institutos, ONGs e centros de educação. Passou a ser ofertado não somente para meninas e mulheres, mas também para homens que se interessavam pela prática do bordar. (SOUSA, 2012)

Ao analisarmos a arte manual, no caso deste trabalho expressada pelo bordado, em relação à educação percebemos que estas habilidades manuais podem ser ferramentas didáticas, sem distinção de gênero e classe social. E, por ser uma arte visual, é possível também estabelecer uma relação com as práticas escolares inclusivas, com destaque, as ofertadas para pessoas surdas uma vez que elas buscam decifrar o mundo a partir do uso da visualidade. De acordo com Andreza Cruz (2016), a elaboração cultural da pessoa surda e a compreensão acerca de si mesmo e do mundo são captadas pela visão, deste modo, as experiências de aprendizagem também devem se basear nesta perspectiva.

Além disso, é importante compreender que estes sujeitos também são dotados de identidades múltiplas já que estas são construídas a partir das relações sociais em que estão inseridas. Neste sentido, dentre tantas identidades encontradas na comunidade surda, podemos encontrar as pessoas negras surdas.

Sentir-se pertencente à categoria dos negros surdos é, antes de tudo, conhecer para valorizar saberes culturais e históricos do continente africano além de entender como estes chegaram até o continente americano. Para isto, como pontua Kabengele Munanga (2019), é imprescindível que educadores se comprometam com a construção de práticas e metodologias educacionais antirracistas que favoreçam o ensino e a estruturação de identidades relacionadas com a comunidade negra.

Posto isto, este artigo apresentará uma análise breve do trabalho que ocorreu com a comunidade surda localizada na cidade de Canavieiras/BA, em 2019. A partir da inauguração do projeto “Educação Inclusiva - Todas as Escolas são para Todos os Alunos”², do Ministério Público do Estado da Bahia, iniciei o projeto “Mãos que Falam e Bordam”³ tendo o curso “Arte-educação para surdos: um diálogo sobre a cultura afro-brasileira através do bordado”

² Ver notícia publicada em: <https://www.mpba.mp.br/noticia/46104>. Acessado em setembro de 2023.

³ Ver notícia publicada em: <https://www.mpba.mp.br/noticia/54561>. Acessado em setembro de 2023.

como ação inicial. Composta por dez alunos surdos, entre mulheres e homens, com idade entre 30 e 60 anos, praticamos bordados a partir de ideias que surgiram das leituras de um texto literário⁴ sobre a diáspora negra brasileira. Em parceria com a Associação de Surdos de Canavieiras/ASSUC, a Secretaria Municipal de Educação e a ONG Giardino Degli Angeli, o trabalho foi realizado durante 3 meses em encontros semanais com duração de 3 meses.

De Ponto em Ponto: Inclusão de Sujeitos Negros e Surdos

Por muito tempo foi defendida a ideia de que o homem possuía uma identidade fixa, mesmo sofrendo diversas influências culturais externas. Alguns teóricos compreendiam que o homem era dotado de uma essência única, central e que, por este motivo, iria permanecer com ele ao longo de sua existência sem sofrer mudanças significativas. Porém, de acordo com Stuart Hall, a identidade é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentirmos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu". (HALL, 2006, p.13)

Hall e outros autores dos estudos culturais trazem para o debate contemporâneo as múltiplas identidades culturais constituídas historicamente e nas relações de identificações com as dimensões sociais - gênero, raça, idade, profissão, estado civil, religiosidade e etc. e com os papéis sociais que desempenhamos. Identidades que vão “se esculpindo no tornar-se”. (MOURA, 2009, p. 83).

Tendo isto em vista, ao analisarmos as comunidades surdas, percebemos que suas manifestações sociais ocorrem através de estímulos visuais que variam de acordo com o interesse individual possibilitando sua interação com as outras culturas. Desta maneira, não apenas no universo artístico, mas também em todos os outros, o indivíduo surdo busca interpretar as circunstâncias em que vive a partir de seus gestos corporais, possibilitando uma

⁴ “Estou voltando...”, do poeta Carlos Roberto de Souza, cujo pseudônimo é Agamenon Troyan, Disponível em <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/ESTOU-VOLTANDO....pdf>. Acessado em setembro de 2023.

troca de experiências e, assim, moldando sua identidade. Junto a isto, no contexto sociocultural contemporâneo brasileiro, diversas mudanças vêm ocorrendo com a intenção de gerar interações sociais significativas para estas comunidades.

A implementação da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, através da Lei nº 10.436/05⁵, como língua oficial dos surdos se tornou um dos principais métodos de inclusão social dessa comunidade. No entanto, a luta pelo reconhecimento como pessoas surdas ainda é bastante evidente, bem como os referentes à identidade racial que, apesar dos avanços alcançados, ainda carecem de implementação efetiva nos espaços educacionais, culturais e sociais. Vale lembrar que, há 17 anos, a educação foi contemplada com um respaldo legal que favorece a oferta de ensino mais engajado com as diferenças raciais. A Lei nº 10.639/03⁶ é elaborada como uma medida de reparação a uma dívida para com os grupos que fazem parte de mais de 50% de toda a população brasileira⁷. Quando o sujeito possui em seu corpo as marcas da negritude, é pertinente que ele adquira saberes sobre a cultura e história africana e afro-brasileira para que possa se reconhecer dentro dela e, assim, construir uma identidade que esteja em sintonia com seu passado. E para que essa autoidentificação se concretize é primordial que os debates sobre a história e a cultura negra sejam dialogados com os negros surdos.

Porém não basta apenas a criação de legislações para que as novas ideias sejam postas em prática. Como destaca Kabengele Munanga (2019) é inevitável que os agentes envolvidos na construção de um novo fazer estejam comprometidos com esses saberes para a construção de práticas pedagógicas antirracistas que possam contribuir para a constituição de uma identidade pautada nas relações étnico-raciais na comunidade negra. Elânia Oliveira (2013) também nos ensina que a aplicação da Lei 10.639/03 na educação de surdos é necessário buscar um certo estranhamento para o que é realizado de forma rotineira, inserindo novas práticas cotidianas numa perspectiva de combate ao racismo.

Neste sentido, qualquer que seja o caminho a ser trilhado para a efetivação da

⁵ Lei 10.436/2002: lei que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como língua oficial da comunidade surda.

⁶ Lei que orienta o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira.

⁷ [População chega a 205,5 milhões, com menos brancos e mais pardos e pretos | Agência de Notícias](#). Acessado em setembro de 2023.

inclusão das pessoas surdas na sociedade, é necessário compreender a importância que essas pessoas possuem e como o ambiente educacional favorece para a construção desta inclusão. Pois é a partir de um ambiente escolar acolhedor e inclusivo que os indivíduos surdos terão a oportunidade de expressar seus saberes e, com isso, conquistar seu pleno desenvolvimento individual. (PEREIRA, 2020).

O contexto do trabalho na comunidade surda da Cidade de Canavieiras

Partindo das análises expostas no tópico acima, apresentarei uma proposta pedagógica em arte-educação a partir das práticas do bordado manual que foi desenvolvida para a comunidade surda da Cidade de Canavieiras, no sul do estado da Bahia.

Um dos grandes desafios ainda vivenciados pelos indivíduos surdos é o ingresso no mercado de trabalho como profissional qualificado. E essa dificuldade está muito presente na realidade dos surdos canavieirenses. A criação de um grupo institucionalizado chamado Associação de Surdos de Canavieiras/ASSUC, possibilita que essas pessoas se organizem em busca de melhores condições sociais como o acesso à educação e ao trabalho.

Foi no ano de 2019, ao realizar um atendimento para a presidente da ASSUC, Roberta Oliveira, no Ministério Público do Estado da Bahia, na condição de servidora pública desta instituição, pude compreender a realidade deles: falta de acessibilidade nos espaços públicos e privados, ausência de oportunidades profissionais, ineficiência das instituições de ensino, dentre outros problemas. A partir deste contato, foi possível, em conjunto com os Promotores de Justiça Cíntia Guanaes e Márcio Oliveira, inaugurar o projeto “Educação Inclusiva: Todas as Escolas são para Todos os Alunos”. Como desdobramento da inauguração elaborei o projeto “Mãos que Falam e Bordam” iniciando com o curso “Arte-educação para surdos: um diálogo sobre a cultura afro-brasileira através do bordado” sendo utilizado como uma ação dentro dos referidos projetos. Para a efetivação do curso, o MPBA assinou um Termo de Cooperação com a Secretaria Municipal de Educação, que viabilizou o retroprojetor, a ONG Giardino Degli Angeli, que cedeu o espaço para as aulas e com a própria ASSUC, que disponibilizou materiais para a prática do bordado (paetês, miçangas, canutilhos, tecidos,

agulhas, linhas, tesouras, bastidores).

Foram dez encontros, durante três meses, que possibilitaram praticar bordados manuais utilizando diversas técnicas com linhas e pedrarias a partir de reflexões sobre suas identidades e as questões étnico-raciais que presenciavam no dia a dia. A turma foi composta por dois homens e oito mulheres com idade entre 30 e 60 anos.

O conteúdo do curso foi elaborado a partir de um conto sobre a diáspora africana, chamado “Estou voltando...” do escritor Agamenon Troyan. Este texto narra a história de uma princesa angolana que é raptada em sua terra natal por “homens estranhos e pálidos”. A ideia era utilizar um texto que contasse como ocorreu um dos principais acontecimentos da vinda dos negros africanos para o Brasil. O conto foi adaptado com elementos da cultura canavieirense tais como a culinária, a dança, os elementos da natureza que dialogam com a religiosidade africana e a indumentária. Para as atividades do bordado foram trabalhados os pontos alinhavo, ponto atrás, ponto haste e rococó, além de técnicas de bordados com miçangas, vidrilhos, canutilhos e paetês/lantejoulas.

Considerei importante, também, elaborar uma didática interdisciplinar com a leitura do texto em português uma vez que os participantes estavam aprendendo a ler nessa língua. Por outro lado, como ainda não dominavam estas leituras com desenvoltura, criei uma tradução escrita que facilitasse a leitura para eles sem a norma culta da gramática, conjugações verbais, nominais e conectivos. Assim, a partir das trocas de aprendizagens constantes entre bordados e Libras, surgiram dois sinais referentes aos materiais específicos para bordado: miçanga e vidrilho. Eles, a partir da compreensão do significado destes elementos, conseguiram elaborar tais sinais.

Priscilla Ferreira (2018) enfatiza que as ações elaboradas a respeito da temática sobre a história e a cultura negra para a comunidade surda são de extrema urgência uma vez que não encontramos trabalhos efetivos ou, caso exista, ainda não estão sendo implementados de modo eficaz. Assim, tínhamos um primeiro momento de diálogo a partir da leitura de um trecho e, no segundo, eu apresentava um ponto ou técnica de bordado com pedrarias. Para a prática dos bordados eu distribuía ilustrações, porém alguns criavam seus próprios desenhos.



O curso, enquanto proposta artístico-pedagógica buscou despertar um sentimento de pertença e construção de uma autoestima sobre a identidade negra surda bem como resgatar uma atividade que, de acordo com Maisa Ferreira de Sousa (2012) durante a maior parte da história da arte-educação foi posta como atividade de menor valor imbuída de um caráter pejorativo.

Figura 1: Bordado da Princesa Angolana.



Fonte: Acervo pessoal, aluna Kelly, 2019.

Figura 2: Bordado do orixá Nanã.



Fonte: Acervo pessoal, aluna Jusseane, 2019.

Ao considerar as práticas artísticas, em específico a arte do bordado, como importante instrumento de inclusão, seja para compartilhamento de saberes ou para diminuição de barreiras sociais, físicas e econômicas, essa iniciativa buscou sensibilizar o público surdo para a prática do bordado não apenas como um fazer manual, mas também, como um fazer artístico profissional tornando-o um instrumento de empoderamento e contribuindo para uma maior inserção na sociedade brasileira.

Considerações Finais

A intenção deste artigo foi realizar uma breve análise sobre a relação entre a educação das relações étnico raciais e da educação inclusiva para estudantes surdos a partir de atividades desenvolvidas com bordados manuais. Pretendeu-se, neste sentido, apresentar uma proposta didática desenvolvida para uma comunidade surda localizada na cidade de Canavieiras, localizada na região sul do estado da Bahia.

Para tanto, foi relevante sinalizar como as pessoas surdas apresentam múltiplas

identidades permitindo que, dentre tantas opções, encontremos a categoria dos negros surdos e como as práticas educativas precisam dialogar de modo efetivo para o desenvolvimento da inclusão social adequada destas pessoas.

Por fim, apresentou-se uma proposta de trabalho, no âmbito da arte-educação para pessoas surdas, com a intenção de compartilhar práticas educativas que possam favorecer o pleno desenvolvimento destas pessoas tanto a nível educacional quanto social.

Esse trabalho não pretende se esgotar em uma única experiência, pois acredito que ele possa contribuir para que negros surdos de outras regiões tenham mais conhecimentos sobre suas raízes. É um projeto que visa empoderar negros e negras surdas e fazer com que eles se sintam mais fortalecidos e atuantes na sociedade.

Ao considerar as práticas artísticas, em específico a arte do bordado, como importante instrumento de inclusão, seja para compartilhamento de saberes ou para diminuição de barreiras sociais, físicas e econômicas, essa iniciativa busca sensibilizar o público surdo para a prática do bordado não apenas como um fazer manual, mas também, como um fazer artístico profissional tornando-o um instrumento de empoderamento e contribuindo para uma maior inserção na sociedade brasileira.

Referências

CRUZ, Andreza N. R. da. **Aula de arte para-com surdos: criando uma prática de ensino**. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/143081/cruz_anr_me_ia.pdf;jsessionid=3B6ADCBD6F21BF2463C4C6A826255789?sequence=3>. Acesso em: 14 set. 2023.

FERREIRA, Priscilla L. A. **O ensino das relações étnico-raciais nos percursos de escolarização de negros surdos na educação básica**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Programa de Pós-graduação em Ensino – PPGEn, Vitória da Conquista, 2018. Disponível em: <<http://www2.uesb.br/ppg/ppgen/wpcontent/uploads/2019/02/DISSERTA%C3%87%C3%83O-FINAL-PRISCILLA-LEONNOR.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP & A, 2006.



17  fórum das
escolas de moda

9º CONGRESSO DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

ola@grandesite.com.br

MOURA, Solange Maria de Souza. **Tecendo olhares do ser negro: a dinâmica do ensino de arte na produção de espaços de pertencimento de afrodescendentes** / Solange Maria de Souza Moura. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 5 ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Coleção Cultura Negra e Identidade)

OLIVEIRA, Elânia de. **A Lei 10.639/2003 e a Escola de Educação Especial: um desafio a mais para a formação de professores**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 47, p. 85-95, jan./mar. 2013. Editora UFPR. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/31340/20048>>. Acesso em: 14 set. 2023.

PEREIRA, Elaine Jansen. **Mãos que Falam e Bordam: Ensino da Cultura Afro-brasileira para Surdos através do Bordado**. 8ª Jornada de Educação e Relações Étnico-raciais do MAR, Rio de Janeiro, Brasil, p.157-164 <https://museudeartedorio.org.br/wp-content/uploads/2022/11/EBOOK-VIII-JORNADA-DE-RELACOES-ETNICO-RACIAIS-MAR.pdf>. Acesso em: 14 set. 2023.

SOUSA, Maisa Ferreira de. **O bordado como linguagem na arte educação**. 2012, Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/4494/1/2012_MaisaFerreiradeSousa.pdf>. Acesso em: 14 set. 2023.